

VOL. I.

A GRINALDA. N. 3.

JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 6 DE AGOSTO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deyo por-se de perneio,
P'ra suavisar o trabalho,
Adistracção e o recreio.

A GRINALDA Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp., rua do Ouvidor n.º 91; Passos na mesma rua n.º 152; Teixeira & comp.ª rua dos Ourives n.º 21 a 2000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

IMPERIAL.

(ROMANCE.)

POR

JOSE ANTONIO DO VALLE.

*Ella, tão só, não podia existir sem
o amor de um poeta.*

III

NÃO PODIA EXISTIR.

O sol apparecia por sobre os mórros da risonha Netheroy. Eu sympathizo com o sol; amo-o mesmo. E é porque elle doira os campos e os matto da minha terra. E é porque elle faz cantar os passarinhos que nós temos aninhados nas corôas dos coqueiros e nos galhos do jiquitibá.

E' tão bom vér o astro-rei como a caminhar no nosso ceo azul, mais claro que o ceo dos outros!

O feliz não concebe a sua magestade e a sua pureza, mas o infeliz, o triste, como eu era então, entende-o, amo-o, e sympathisa com elle.

Eu amava o sol—e via-o no ceo—e estava triste! E estava triste porque Imerisa não via-o como eu, com o mesmo pensamento, juncto á mim!

Onde iria que não fosse solidão? Estava tão só!... tão so-zinho no mundo. Eu não podia existir. Procurava a minha alma em toda a parte, e ella me fugia.

Lembrei-me de repente! á essa hora o templo de Deos estava aberto para ouvir as preces dos christãos: fui lá; e recuei sobresaltado, porque vi anjos, vi santos, e não vi a minha Imerisa. O meu anjo não ouyiria as minhas orações, para transmitil-as á Deos com os seus labios puros!

—Imerisa! exclamei involuntario.

E o echo da igreja repetio o mesmo nome surdamente, como si alquebrado, cansado de continua vigilia, quizesse adormecer então, e me respondesse com a voz do primeiro somno. E esse echo me fallou a voz da dôr; e as lagrimas me humedeceram as palpebras. Até então, eu vivia nas casas do Senhor, consagrado á religião, á natureza, e ao amor... ao amor que tudo resumia—o universo inteiro; e agora? languido, amortecido pelo soffrimento, eu só existia na solidão de mim mesmo, e fóra de mim eu nada sentia. Estava reconcentrado em estúpida apathia, como o idiota com-plecto, que não tem consciencia de si. Estado era este du-bioso, crepuscular, e equivoco entre a morte e a vida.

Sahi da igreja; andei errante divagando de rua em rua; e vinte vezes me aproximei á casa de Imerisa, fugindo outras tantas d'ella, sujeito á uma luta interna em que a minha alma vacillava entre o amor e o repudio. Finalmente o sentimento do repudio venceu; eu me afastei da habitação da ing... não! do templo em que eu venerava, em que eu ainda, si podesse, veneraria o meu anjo—a minha santa—a minha Imerisa. E fui chorar, no atrio da Igreja de S. Francisco das chagas, contigua ao Convento de S. Antonio, as minhas afflições, e si fosse possivel, comparar tambem o meu estado feliz de tão poucos dias, com o de então, tão vago e tão sem fôto, como o do viajante perdido nas brenhas dos nossos sertões.

Pensava ahi; e pensava tão só!...

—Eide deixar Imerisa, disse eu commigo; não quero mais vê-la, e nem procurarei amar outra mulher. Uma mulher sublime; não vulgar, uma mulher-anjo, não me comprehendeu, repudiou-me sem me ouvir, julgou-me precipitadamente: todas as outras me farão peor, porque menos me poderão entender!

buscar a tua alma! si não tiveres amor a tua alma e a da guarda...

—O meu anjo da guarda! continuei a pensar; eide andar, como um morto ambulante, sentindo e não sentindo em mim, cogitando e sem consciencia de minha existenciã, e em fim querendo sem nada poder, porque a vontade não estará em mim. Penosa situação! E esta multidão de tectos avermelhados que descortino com a vista, cobrem tantos entes amados e felizes. Si eu pudesse ser feliz!...

A' esta ultima exclamação uma mão de leve poisou sobre a minha cabeça; voltei-me, e vi o frade, que me conduzirã á casa da doente incognita.

—Em que cuidaes? me perguntou elle; as almas boas não devem soffrer, porque a recompensa de Deos, ás nossas obras, começa n'este mundo.

—Meu reverendo!

—Fizeste-nos tanto bem! si soubesseis!

—Ignoro tudo.

—Pois bem: escutai-me. « Um pai tinha uma filha linda e virtuosa. Esta filha amava a um jovem bem digno d'ella; mas o pai lhes prohibia a união, porque, por um engano culpavel, suppunha-o filho bastardo e sem meios para conservar a herança e dote que lhes daria. Os dous amantes eram incansaveis em procurar occasiões de se-verem, e de tal sorte levaram o excesso de seu amor, que a moça, mais fraca, cahio em desfallecimento e ficou verdadeiramente doente. »

—E então me chamastes para vê-la?

—Ainda não: escutai-me. « Um medico rico linha-a visto uma noite no theatro de S. Pedro d'Alcantara, e a pedira á seu pai. Esta propozição foi aceita pelo velho com satisfação, e chamando a menina lh'a fez saber. Esta por seu lado regeitou-a francamente, e declarou-lhe o amor que ja tinha. Nem era mais preciso para acender a colera do velho, que prohibio toda a relação externa, e começou a tratar intimamente com o medico, na esperanza da fazel-o seu genro. »

—E conseguiu assim dobrar a vontade de sua filha?

—Enterrompeis-me a cada momento. « Quando a menina cahio doente, o medico foi chamado. Elle examinou-a, allegou os labios, e fingindo commover-se disse a seu pai, que em vista da molestia que tinha prezente aos olhos, desistia do pedido que lhe fizera. O pai ouvindo isto, e não poden-

lavras, cahio desmaiado; e a moça entendendo a malvadeza e a perfidia do seu amador desprezado lh'os exprobou fortemente. O impostor não quiz ouvi-la e desapareceu, deixando a consternação no seio de uma família inteira. Nesta occasião eu fui chamado, e o pai, em um estado de loucura, me pediu que confessasse sua filha e lhe dissesse si ella era digna d'elle. Consolei-o quanto pude, e disse-lhe que me encarregaria de descobrir a innocencia da menina, sem de nem hum modo servir-me da confissão que não era um instrumento dos homens, mas unicamente um meio de salvação das almas. Aconselhei-o, em primeiro lugar, que tratasse de mudar-se para uma linda chacara que tinha no Botafogo, afim de restabelecer-se do grande abalo que tivera e que o podia prostrar no leito da dôr; e em segundo, que promettesse á sua filha dal-a em casamento ao seu amante si ella se justificasse innocente. Foi uma feliz lembrança, que previ restabeleceria a saude da menina e a tranquillidade do pai. Meu trabalho teve melhor successo do que pensava; mas para concluil-o, para congraçar a filha com o pai, era-me preciso um medico. . . »

—De que modo?

— « A menina, ouvindo a promessa de seu pai, começou a restabelecer-se á olhos vistos, mas não quiz dizer uma palavra em seu abono. E o pai, si bem não se achasse muito propenso a acreditar no que ouvira do medico, todavia ainda suspeitava. Neste estado propuz que voltassem para a cidade, e que eu procuraria mysteriosamente um outro medico, de quem reclamaria sigillo, afim de examinar si a menina se achava em estado normal. Elle assentio aos meus desejos, mas eu procurei debalde, por cinco dias, um homem que me fizesse um dos mais meritorios officios. . . o acaso me fez encontrar-vos. Vós fostes. . . »

—Basta, meu reverendo!

—Não: ouvi o resto. « A vossa declaração escripta na carta, que elle me mandara nesse dia, lembrando-me o meu prometimento, o fez chorar de alegria, e arrepende-se de ter acreditado no dito de um mau homem. O bom pai chamou sua filha, beijou-a, pediu-lhe perdão e prometeu-lhe a sua felicidade. Vio-os ambos chorar lagrimas de ternura; e a mãe, acompanhada em côro pelos outros seus filhos, bem dizer a vossa existencia. »

cobrir! E depois? os dous jovens amantes se cazaram.

—Não. « Havia entre elles um espaço vasto, profundo... profundissimo, como uma larga e tenebrosa grotta que os separava... »

—E que espaço era este?

« Na occasião da perfidia do medico, tendo o incauto pai prohibido absolutamente toda a communicação entre a moça e seu amante; este perdeu inteiramente a esperanza de ser feliz e desapareceu, de modo que quando ella já alegre por poder tornar a vê-lo, lhe escreveu, não pôde mais achá-lo. »

—Oh! eu eide encontrá-lo.

—Podereis fazel-o? meu bom amigo!

—Prometto! e tanto mais que folgo ter agora que fazer. Si o que fizer aos outros poder aproveitar-lhes, talvez que eu seja feliz. Estou tão triste! Vi a minha doente incognita na igreja, na manhã de um domingo; ella me fallou e eu lhe respondi e acompanhei-a até sua casa, porque isso me pediu seu pai. Mal poderia pensar, que isso fosse a cauza da minha maior dôr! Uma mulher—um anjo que eu amava—viu tudo, e deixou-me.

—Meu filho! a religião, a natureza...

—Sei tudo quanto me ides dizer! Eu não devia amar excessivamente! Devia desprezar a mulher que me despreza! A religião é a melhor esposa do Christão!—Pensei em tudo isto, e ainda em mais couzas! Poderia mesmo pôr em pratica esses pensamentos si se tratasse de uma mulher vulgar, de um ente distinto de mim; mas não era assim—essa mulher é o meu anjo da guarda, é a minha Imerisa.

—*Et nōs nōn inducas in tentationem!*

—Não blasfemo, meu padre, fallo-vos seriamente; e achando-me só, procurei a solidão, augmentando a minha dôr, para fazel-a sentir ao meu coração, às minhas arterias, e enfim aos meus nervos, que a tantos dias não sentem. Neste mesmo momento em que vos fallo, eu não tenho consciencia de mim.

—Não prestastes em vão um serviço, me dice o frade cheio de religiosa gravidade; a vossa doente hãde restituir-vos a vossa Imerisa.

—Que dizeis, meu padre?!!

—Não vos esqueçades do que promettestes!

—Mas...

E não me quiz ouvir mais uma palavra. Deixou-me na

vieram-me encher a alma de uma doce melancolia—tão doce como o mel dos favos da *mandaçaia*.

—Imerisa ainda hade ser minha!

Exclamei eu, alevantando-me, e indo apressado para a casa, tratar de descobrir o amante da minha doente, e restituirl'ho em troca da minha Imerisa.

Muitos dias trabalhei em rigorosas pesquisas. E eu de tudo sabia; menos, porem, do perdido amante.

A minha doente incognita achava-se verdadeiramente enferma.

Imerisa estava prostrada no leito do soffrimento.

E eu então já sentia a dôr vehemente que devora—que mata:

Nós, um sem o outro, não podíamos existir.

(Continuar-se-ha.)

1 O CANTO DO CORSARIO

Extrahido do romance o — Corsario — de

JOSÉ ANTONIO DO VALLE.

A solidão..... é enfim a condemnação dos mãos!...

Como não está o mão, sem vida e sem existencia todo entregue á apathia e ao enlace ferruginoso e apertado desta dona poderosa das trevas e da natureza morta, tremendo e convulsando, sentado sobre a nua pedra lavada pelas águas de uma arenosa praia!... O mão ali está sentado, e seu corpo está fixo e immovel representando em um templo abominavel e sensual do paganismo a estatua da mentira e da perversidade!! Sua boca não murmura sequer uma palavra; seus labios estão pallidos como se fossem formados de branco mar-more!!

«Vanzini!! Vanzini!!... tu pensas em teus crimes!... a solidão despertou no fundo da tua alma as idéas de Deos e do dever que haviam nella amortecido!!... mas que senão haviam anniquilado, porque estas idéas não se anniquilam na alma de homem algum; tanta é a providencia do Senhor

Deos!... tanta é a bondade infinita do Creador dos homens!... »

« Vanzini!!! Vanzini!!! tu reflectes?!... tua consciencia se despertou, e disse-te: que existias na terra!... mas... O inferno!!! só o inferno!!! Tres estradas existem que conduzem o homem na senda da sua conservação: porem uma só a felicidade, porque o fim do homem é um unico! tu te não guiaste por elle, porque a não tens ouvido! Para!!... retrogada!... O dever! o dever sómente!... —A consciencia fallou-te a verdade; e tu a ouviste porque estavas fora do tumultuar do mundo; as tuas paixões te haviam abandonado por um dia; e a solidão convidou-te a reflectir! Tu olhaste para a tua vida: e o que viste?!... O crime!!... sómente o crime! Era o teu passado uma serie de precipícios horroresos!! mil fauces lançando linguas de labaredas ameaçarão tragar a tua existencia futura... e tu tremeste! »

« Vanzini!!! Vanzini!!! Demora-te para teu bem na solidão!... reflecte ainda um dia!... um só dia!... e tu conhecerás o caminho do bem... O caminho da felicidade!... O teu fim! Não ouviste a tua consciencia?!... O fim do homem é sómente o dever! tu o não tens seguido até hoje! Reflecte mais um dia... e o que te parece impossivel hade verificar-se!! Trabalha... e has de retrogradar.... »

« Vanzini!!! Vanzini!!! assim como olhaste no teu futuro, assim como reflectiste no teu passado, reflecte um só instante no que tens ainda de fazer! nos pensamentos que hórbulhavam hontem ainda em tua cabeça!... Para! para!! Sim! Vanzini!!... um passo se quer dado para diante nessa estrada, hade precipitar-te no abysmo! Para. »

« Vanzini!!! Vanzini!!! Tantas familias perseguidas por tua malvadeza reclamam de ti uma reparação. Ah! repara!! repara o que tens feito... não faças mais mal aos desgraçados!... repara... Ah! tu não ouviste?... »

« Vanzini!!! Vanzini!!! porque ergueste o teu corpo dessa pedra?!... Torna assentar-te!... reflecte mais um dia!!! um só dia... e nada mais!... »

Era este o canto das vagas que fallavão á alma de Vanzini no meio da solidão das praias; mas repentinamente ellas começaram a perturbar-se e a quebrar-se furiosas sobre aquellas aréas; o trovão surdo da tempestade suffocou-as, e Vanzini não ouviu mais nada.....

Neste momento, Vanzini.... soltou um suspiro, alevan-

teu-se e estendeu os olhos sobre as ondas, e tornou a sentar-se para se reconcentrar em si proprio. Havia em sua alma um como existir odioso e vago, igual ao crepusculo da noite; uma submersão espantosa o dominava, e por um momento a sua alma pareceu não reflectir: perdeu a sua natureza, perdeu a propria actividade, ou si a tinha, espiraram neste instante as relações consigo proprio e com o mundo externo. Um momento de silencio para o homem máo, é uma accusação violenta de seus crimes.

—« Vanzini!!! Vanzini!!! » rebramio a voz das vagas.

Vanzini acordou de seu lethargo.

—« Tu não voltarás, dizia a mesma voz, para a terra do teu nascimento!! para o berço que te embalou no odorifero palacio dos marquezes de Pompilii, onde os perfumes do Oriente se queimavam constantemente em thuribulos de ouro!! Tu não voltarás mais para a terra do teu nascimento!... não verás aquellas resumidas praças!... aquellas escadarias de marmore!... aquelles jardins de estatuas que em tua infancia deslustravam a vivacidade de teus olhos!... Sim!... »

—« Vanzini!!! Vanzini!!! » não verás nada d'aquillo que em os teus dias de creança, te amou, te bafejou, e te surrio!... Aqui neste lugar... aqui mesmo!!... »

Seria a voz de bramar das ondas, ou seria a consciencia do máo, quem assim fallava?!... Talvez fosse um presagio!...

.....

CARTA DIRIGIDA A —GRINALDA—.

Sr.^a Grinalda.

Como pelo nome que Vm. tem, me parece mulher, e eu precisava, lá na cidade, de uma amiga a quem me dirigisse, não quero deixar de aproveitar occasião tão opportuna.

Eu sou cá da roça, nascida e creada em uma casa de capim, que meu pai fez, junto a um mangue maldito; capaz de matar de sezões á um exercito, quanto mais á nós pobres coitadas, que temos escapado por milagre, mas mais amareladas do que casca de limão.

Eu sou cá da roça, e muito amiga das flores, e tão amiga que assentei de mim para mim mandar-lhe algumas que cá nascem sem cultivo e sem o favor da enxada. Uma grinalda só de flores da cidade, será uma engenhoza grinalda, mas não hade ser bonita nem hade ter o cheiro dos matos que me arrebatam quando vou por elles passear. Eide, se consentir, mandar-lhe essas flores, mas quero-as vêr permeiadas com as suas; e então veremos qual dellas tem mais primôr—: si as minhas da roça, nascidas entre cipós e cardos; si as de Vm. nascidas nos jardins e regadas todos os dias.

Eu sou cá da roça e não gosto muito de que os homens se intrometão nos negocios das mulheres; e por isso lhe quero fallar com franqueza: enjoei-me de que Vm. desse entrada em suas paginas á tantos escritos de homens. Não vi nada que cheirasse ao nosso sexo, e isto não pode acreditar-se de nem hum modo. Os homens que se atirem lá para os trabalhos rudes e outras couzas que são proprias d'elles; e deixem-nos fallar de seus vicios, porque somos nós que os devemos corrigir. Elles são muito atrevidos; nunca forão generosos, e se ganharem a sua confiança, hão de tasquinhar-nos á grande, hão de fallar mal de nós. Cuidado minha amiga Grinalda! Como cá não ha bailes, nem theatros, tenho tempo de pensar melhor nisto, do que Vm.

Responda-me pelo portador; e eu na proxima semana lhe mandarei a minha primeira flor em uma cuia de caeté cheia-zinha de terra cá da roça.

Sua amiga e afeiçoada.

MARUCAS DA RESTINGA.

RESPOSTA.

Muito minha respeitada Senhora,

Saude a Vossa Mercê, e mil fortunas, desejo-lhe sinceramente. Tenho recebido a sua mimosa cartinha, embriagando com seu perfume roceiro a poesia de minhas flores; na verdade, eu esperava que alguma senhora assim fizesse—que me coadjuvasse na impresa do meu ornamento; que quer?—sou vaidosa—sou da cidade—sou ainda moça. Graças a minha estrela, por lhe

haver inspirado a sua meiga protecção; e queira Deus, que Vossa Mercê continue a entreter-se comigo com seus espirituosos escritos; amo a litteratura do meu paiz—amo a poesia das flores—alegro-me quando posso mimosamente engrinaldar a imaginação de alguma poetisa—quando posso coroar a mais linda cabeça de pretos cabelos brasileiros. Criou-me minha mãe assim; sempre entre flores, passeando nos jardins, e por cima das roseiras—e, em dia, em que estivesse mais pallida, mais medrosa, ornando a a fronte de noiva amendrontada em pudor. Oh que se Vossa Mercê soubesse da chronica da minha vida! teria ciumes de mim.

Permitta-me uma pequena observação: esses homens que Vossa Mercê me pede ilimine da minha companhia,—não são desses homens de cifras—abesos—prosaicos—insupportaveis; não, são jovens amadores—poetas—meigos e tão meigos como a donzella mais hysterica—soffrendo dos nervos e mais ainda do coração; bem vê pois, que, esses meus lindos admiradores aprecião o bello—o vaporoso—o ideal e vagão de continuo pelos jardins—pelos bosques e pelo céu; ao luar cantão em melancholia; em noite escura, assustão-se ao menor ruido; são estes os meus companheiros, deixe Vossa Mercê que vamos juntos em nosso passeio—que elles amão com ternura o nosso sexo—dizem-nos mil coisas bellas—trocão com nosco seus olhares—e cantão tão melodiosamente de saudades e de amor! Eu amo estes moços assim! ame-os Vossa Mercê comigo; que algum dia elles me convidarão a coroar a sua delicada cantora—a Vossa Mercê. E então não lhe agrada?—nunca mais me falle em seu desfavor, que eu gosto delles.

Entre outras bonitas florinhas mandei-lhe um botão de rosa, gostou d'elle?—espero que não se esqueça de mim queira-me sempre muito bem, e mande-me, sempre que possa, alguma florinha lá da sua roça que na cidade se aprecia.

A Sua Alteza o Principe Imperial.

Mimosa estrella,
Lirio formozo;
D'antigo tronco
Ramo frondoso

Branca pombinha
Mansa, engraçada,
Dos nossos peitos
Prenda adorada.

És o penhor
Da doce paz,
Presente amado
Que Deos nos faz.

Si tu não foras,
Meu tenro infante,
Não s'ampliara
Meu peito amante.

Amando a patria
Com amor puro
Dezejo o Solio
Firme e seguro.

Quando nos hosques
Tinha a natura,
Que amava alegre
Com doce jura.

Agora o pranto
Por ti derramo,
Teu nome em sonhos
Constante chamo.

És qual o fructo
D'uma mangueira,
Que nos derrama
Sombra fagueira.

Tão saboroso,
Tão agradável,
Nutrição da-nos
Pura saudavel.

E's qual as auras
Na madrugada,
Que brincão ledas
Com a flôr molhada.

Alvo jasmim
Candida flor
Não atrahe tanto
O nosso amor.

Não nos seduz
Nem estazia,
Flores que a patria
Fecunda cria.

Só tu me roubas
Todo o affecto
Do imo peito
Sempre discreto.

Talvez um dia
Aos meos tornada
Te torna a c'roa
Mais estrellada.

Será o quanto
Possa fazer
E assim amplie
Meu bem-querer.

Rogando ao Ente
Omnisciente
Por ti dirijo
Voto fervente.

Com benções sacras
Da Divindade
Fará com tigo
Summa bondade.

Todo o vindouro
Te bem-dirá,
O teu reinado
Feliz será.

A LUA.

Como é tão pura a lua
E como é tão bonita!!
E si doura da noite as tardas horas
Sorrir de Deos imita! —

Ella reina tão placida
Nos ceos, tão socegada!
Parece não marchar no azul do espaço
Parece estar parada.

Matizado de estrellas,
Do mais raro tecido,
O seu véo espalhou por sobre a terra
Por sobre o ar subido.

Que luz que ella nos manda!
Nos lagos reflectida
E' mais pura a brilhar no campo e morros
Na vargem mais florida.

E como mansamente
As ondas já quebradas
Em mil ondulações na praia mostram
Mil luas prateadas!

E cada fria gotta
Na verde folha posta,
Fiel representar em copia exacta
A sua imagem gosta.

Coma é tão doce a flauta
Tangida em hora sua,
E como vibra e sôa o ar sereno
Sem la vibrar na lua!

O echo que acompanha
E' voz de terna amante,
Ou voz de Cherubim nos ceos cantando
Um cantico incessante.

Como é tão doce a lua
E como é tão bonita!!
De graças a tocar-se, e ao doce encanto
A natureza excite.

Os ventos rugidôres
La dormem sobre as neves
Nos polos glaciaes; aqui fagueiros
So reinam ventos leves

E' tudo a mór pureza
Que Deus pode inventar!
E pode alguém haver, que á Deus não queira
Submisso se-curvar?!

Vem cá Christão piedoso!
Vem tú oh musulmano!
Incredulo judeu, e as *gentes* todas!!
A' ver o Deos humano.

Vêde e vos prostai
Que tudo são effeitos
De uma causa só, de um ser sapiente
A' quem somos sujeitos.

As divisões das crenças
E' mera e vã fraqueza
Da mente que as formou: unico o Eterno,
Governa a Natureza!

Como é tão pura a lua
E como é tão bonita!!
A alma do Christão de prazer enche
A's preces nos excita.

Repousa a humanidade
Do somno no regaço;
E' tudo solidão; só eu meus versos
A' branda lua faço

Que ideias me borbulham
Na minha mente activa!
Si as pudesse dizer! fogem-me os termos
A voz me é bem esquivá!

Eu tenho uma palavra
Que encantos mil resume
E quero a lua dar para que mostre
A graça do seu lume

Imerisa! é tão bella!
E' como a pura lua
Talvez sejam irmãs, pois ella ostenta
A magestade sua.

MOTE.

Vamos viver na campina,
Como vive a planta, a flôr,
Desfructando a paz suave,
A suave paz de Amor.

GLOZA.

Ah! meu bem, quão delectosa
E' a vida camponeza!
Ah! quanta graça e belleza
Não tem uma selva umbroza!
Existe ali paz ditosa,
E' ali que Amor domina;
Ah! vem minha chara Osmina
Destas delicias gozar,
Vem meu alvergue habitar,
Vamos viver na campina.

Verás nas coisas ruraes
Coisas por ti nunca vistas;
Verás de Amor as conquistas
Entre os mesmos animaes:
Ali, como em tudo o mais,
Sem pena, nem dissabor,
Té as plantas tem amor;
Ah! sim, a ella corramos.
Viver ali juntos vamos,
Como vive a planta, a flôr.

Ali, colhendo-as, veremos
 Pastar o nosso rebanho,
 E depois do mais amanho
 Gostosos cuidar iremos:
 Satisfeitos viveremos
 Mantendo nosso amor grave;
 E sem que o ciume trave
 Entre nós fatal desdem
 Ali iremos, meu bem,
 Desfructando a paz suave.

Sim, Osmina, ali gozando
 Da mais perfeita harmonia,
 O prazer, e alegria
 Nós iremos desfructando:
 Ali Se irá augmentando
 Nosso affecto, e sem rigor
 Do ciume estragador,
 Que aos amantes guerra faz;
 Desfructaremos a paz,
 A suave paz de Amor.

J. L. F.

ANECDOTA.

Um individuo tendo uma questão um pouco calorosa com outro dizia-lhe muito encolerizado: *Desengana-te fulano, não podes ser bom ainda que queiras; sempre és homem que não tens moral, nem phisico!*

CHARADA

1.^a

Sou um roubo—2

• Uma letra—1

Um martyrio—1

Um ladrão.

2.^a

Uma cruz me reprseenta—1
 Um pincel me reproduz—2
 Se queres achar a outra
 Lá na solfa te introduz—1

Não penses que se amofina
 Por se ver enxovalhado;
 Podes cuspir-lhe no rosto
 Dir-te-ha: *muito obrigado.*

3.^a

Sem mim no Catholicismo
 Não se pode persistir—1
 Sendo solido, costumão
 Não mastigar, engulir—1

Chama-se ao que se não pode
 Facilmente destruir—2

Guardo muita coisa boa
 Que merece ser guardada;
 Cedo aos desejos de um ferro
 Pois me fizeram furada.

4.^a

Sabor—2
 Isolado—1

Sabor
 Appreciado.

Explicação das charadas do n.º 2.—1.^a Madraço.—2.^a—
 Clemente.—3.^a—Parlamento.